



O adeus à Prof.ª Doutora Odette Ferreira. “Não tenho anos. Só tenho vida”

A Prof.ª Doutora Maria Odette Santos-Ferreira, pioneira na investigação do VIH e mentora do programa de troca de seringas, lançado nos anos 90, faleceu este domingo, 7 de outubro, aos 93 anos de idade. Destemida, determinada e imensamente curiosa, lutou contra o VIH/SIDA no laboratório e no terreno. Tanto a biografia “Uma luta, uma vida”, como o currículo com mais de 100 páginas, não são suficientes para descrever a sua atividade de investigadora. Recordamos a entrevista que a Prof.ª Doutora Odette Ferreira concedeu à News Farma no final do ano de 2016.

Sempre ativa, a investigadora manteve durante muitos anos o seu gabinete na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FFUL) e continuou a dar aulas após a reforma como voluntária. Além do trabalho científico, liderou a Comissão Nacional de Luta Contra a Sida.

“A pessoa, até morrer, tem de estar atualizada e, para isso, deve estudar e ter ambição”, sublinhava a Prof.^a Doutora Odette Ferreira na sua entrevista de vida à News Farma. A investigadora iniciou a sua vida académica na FFUL, onde se especializou em análises clínicas, aparecendo mais tarde a oportunidade de concorrer a um estágio no Instituto Pasteur. Foi desta forma que a especialista teve acesso ao curso de Microbiologia Sistemática, com o objetivo de mais tarde fazer o doutoramento. “O Instituto Pasteur era o maior centro de investigação do mundo, principalmente na área da Microbiologia e Imunologia. Dediquei-me profundamente e constatei que era o que realmente queria para a minha carreira. Através dos conhecimentos adquiridos, trouxe para a Faculdade de Farmácia toda a modernização que tinha apreendido e fiz uma verdadeira revolução no departamento de Microbiologia. Nesta altura pensei que ou estagnaria ou avançaria na área da investigação, com a realização do doutoramento em França. Também incentivei os meus assistentes a obterem uma especialização e ajudei na obtenção de bolsas. Antes disso, pedi que cada um escolhesse uma área e foi dessa forma que foram criadas as vertentes de Microbiologia,

Bacteriologia, Virologia e Parasitologia dentro do mesmo departamento. Sinto um imenso orgulho por ter conseguido constituir uma equipa de investigação. Prossegui com a minha carreira de investigação em paralelo com os meus assistentes”.

Os primeiros estudos seroepidemiológicos começaram em 1984, em parceria com o Departamento de Microbiologia da FFUL, sendo decisivo para o seu envolvimento na descoberta do VIH-2. Para a Prof.^a Doutora Odette Ferreira, foi “um orgulho imenso, não como mulher, mas como farmacêutica. Na verdade, sempre houve uma ideia errada de que o farmacêutico pertencia à farmácia comunitária e que não que era um profissional capaz de desenvolver estudos e dessa forma contribuir para uma melhoria da saúde pública. Quando optei pelo curso de Ciências Farmacêuticas fiz um juramento: que seria capaz de demonstrar que um farmacêutico era tão bom ou melhor que qualquer outro licenciado na área da Saúde”.

“Sempre defendi que a infeção por VIH seria uma infeção crónica, precisamente porque era possível controlá-la, através dos antirretrovirais que começaram a surgir e que eram capazes de impedir a replicação do vírus. Com a investigação, primeiro, conseguiu-se a identificação do agente, sendo esta a descoberta mais rápida da história da Microbiologia pela equipa de Luc Montaigner. Depois desta conquista, verificámos o modo como esse agente funcionava e ficámos a conhecer o ciclo replicativo do vírus e, ao conhecermos todas as fases de replicação do vírus, tínhamos na mão a possibilidade de tentar arranjar medicamentos que impedissem a sua replicação, logo a destruição do sistema imunitário. No início, apenas havia o AZT mas, à medida que íamos descobrindo a citopatogénese do VIH, a indústria aproveitava para investigar novos fármacos. Não conseguimos, ainda, desenvolver medicamentos capazes de curar a infeção VIH/SIDA ou eliminar o vírus, contudo conseguimos que não se replicasse e, não se replicando, a infeção ficaria controlada”, frisava a especialista.

À data desta entrevista, a Prof.^a Doutora Odette Ferreira ainda trabalhava na área da SIDA e, mais especificamente, com o VIH2. A investigadora continuava na busca dos seus porquês, tendo ainda “um grupo de investigação que trabalha principalmente com o VIH-2. Temos a maior quantidade de vírus guardados, assim como uma viroteca e uma seroteca, que serve de instrumento de trabalho para outras equipas de investigação”. A especialista ia todos os dias para a Faculdade, “para não perder o contacto com os investigadores”, mas era “mais Relações Públicas, devido à facilidade nos contactos”. Trabalhou com todos os hospitais e tinha relações estreitas com os infeccionologistas.

“Não tenho anos, só tenho vida. Parei nos 35 anos. Ou seja, tenho a mesma mentalidade que tinha nessa altura. Na verdade, não tenho a noção da realidade dos anos. O mal é as pessoas pararem. Se continuarem em atividade, o cérebro não envelhece. Rita Levi-Montalcini, Prémio Nobel da Medicina, morreu com 104 anos e defendia que é possível a regeneração e o nascimento de novos neurónios. Na verdade, o corpo pode envelhecer e não temos controlo nesse processo, mas o envelhecimento do cérebro pode ser controlado por nós próprios!”. Uma lição de vida deixada pela Prof.^a Doutora Odette Ferreira.

Leia a entrevista na íntegra em www.store.nesfarma.pt (<https://store.newsfarma.pt/sumarios/item/1074-farmacutico-news-23-setembro-outubro-2016.html>).

Data: 08-10-2018

Título: Odette Ferreira. A mulher que diagnosticou António Variações e levou amostras de sangue no bolso da algibeira

Pub: **MAGG**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Internet

Secção: Nacional

Odette Ferreira. A mulher que diagnosticou António Variações e levou amostras de sangue no bolso da algibeira

8/10/2018, 17:35

Odette Ferreira morreu este fim de semana, aos 93 anos. A MAGG reuniu alguns dos momentos mais importantes de uma vida dedicada à ciência.

por Marta Cerqueira



Havia pessoas que mudavam de passeio para não se cruzarem com ela com medo que lhes transmitisse Sida.

ANDRÉ KOSTERS

Teve a coragem de deixar Portugal, a família e uma vida confortável para estudar o desconhecido em Paris. Esse desconhecido ainda não tinha nome, mas não tardou muito a que Odette Ferreira o tratasse pelo nome próprio: Sida.

Numa altura em que Portugal pouco sabia sobre a infeção, avançou com os primeiros estudos e começou a alertar governos e população para uma doença que não era só de homossexuais.

Foi analista clínica, investigadora, professora e uma eterna curiosa.

Morreu no dia 7, aos 93 anos e, contrariando as estatísticas, desta vez Portugal soube homenageá-la em vida. Ainda este ano o Presidente da República condecorou Odette

Data: 08-10-2018

Título: Odette Ferreira. A mulher que diagnosticou António Variações e levou amostras de sangue no bolso da algibeira

Pub:

MAGG

 **QuickCom**
comunicação integrada

Tipo: Internet

Secção: Nacional

Ferreira com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública, o mais alto grau desta Ordem de Mérito. A MAGG recorda alguns dos episódios da vida para quem a resignação nunca foi resposta.

Uma profissão tardia

Nasceu em 1925 mas, até à década de 70, teve uma vida igual a tantas outras. Na verdade, tendo em conta que falamos de um Portugal no qual as mulheres estavam ainda em segundo plano, Odette nunca teve postura de personagem secundária, nem mesmo quando reduzia a sua vida à família e à carreira de analista clínica. Em entrevistas dadas ao longo da sua vida contava que foi mãe e mulher quase a tempo inteiro, daquelas que faz um bolo ao marido, guarda todo o requinte para a hora de pôr a mesa ao jantar e não vai a lado nenhum sozinha.

Tudo começou com a revolução de Abril, altura em que, a então analista clínica, soube que a Faculdade de Farmácia de Lisboa precisava de assistentes. Odette possuía já uma vasta experiência prática e foi convidada para assistente das cadeiras de Microbiologia e Bioquímica.

Não demorou muito a passar de assistente a responsável do Departamento de Microbiologia da FFUL, cargo que manteve até 1995 e durante o qual revolucionou a forma de ensinar. Não se identificava com as aulas demasiado teóricas e com métodos de ensino rígidos e exigiu que todos os alunos tivessem aulas práticas.

Entusiasta, como todos os que com ela trabalharam a conheciam, conseguiu conciliar a função de professora com a de investigadora no Instituto Pasteur, em Paris. E foi a partir daí que tudo mudou.

O primeiro contacto com o HIV

A viver uma vida académica como nunca tinha tido, Odette cresceu pessoal e profissionalmente a um ritmo alucinante. “Mudou o meu mundo. Eu era uma betinha, não sabia nada de nada”, admite, numa entrevista dada ao Jornal i em 2013.

Durante um congresso, em Lausanne, na Suíça, no início dos anos 80, teve o primeiro contacto com aquela que ainda ninguém via como uma grande ameaça: a Sida.

Lembro-me que havia quem mudasse de passeio só para não se cruzar comigo. Na faculdade, o diretor não queria que eu trabalhasse, com medo que eu infetasse alguém.”

Foi ainda no Instituto Pasteur que aprendeu técnicas de identificação do vírus da sida, conta a sua biografia “Uma Luta, Uma Vida – Nem precisava de tanto”, de Sandra Nobre (edição Sopa de Letras). Avançou imediatamente com estudos seroepidemiológicos na Faculdade de Farmácia de Lisboa.

Estamos a falar de um Portugal que nada sabia sobre uma doença que, na verdade, ainda ninguém no mundo dominava. “Lembro-me que havia quem mudasse de passeio só para não se cruzar comigo. Na faculdade, o diretor não queria que eu trabalhasse, com medo que eu infetasse alguém. As pessoas achavam que se transmitia com um aperto de mão”, lembra a investigadora na biografia.

Num dos regressos ao Instituto Pasteur, nas inúmeras viagens entre Lisboa e Paris, Odette levou consigo amostras retiradas de um doente, internado no hospital Egas Moniz, em Lisboa, sobre o qual recaíam suspeitas de estar contaminado pelo vírus da Sida, mesmo que os dados fugissem ao que era esperado: falávamos aqui de heterossexuais e sem vícios de droga.

Odette insistiu nas análises, ainda que as primeiras dessem sempre negativo. “Já andava desanimada quando, três semanas depois, a técnica diz ‘Maria Odette, tens um vírus’, conta, num depoimento publicado no livro LX 80. “Estávamos perante um vírus novo [mais tarde identificado como VIH 2]. Morfologicamente era igual, só que o peso das proteínas era diferente. Foi uma bomba. Os kits dos laboratórios não o detetavam, tiveram de fazer novos”.

A partir daí, as investigações não pararam, sempre com Odette no lugar cimeiro da busca por respostas.

Mas antes de olharmos em frente, vamos dar só um passo atrás. Vale a pena.

Durante uma homenagem feita à investigadora no ano passado, Maria de Belém recordou que quando Odette decidiu que aquela análise tinha que ser levada a Paris, levou-a debaixo do casaco, consigo no avião. “Tinha de ser conservada à temperatura de 37 graus, mas teve sorte por aquele ser um tempo em que não tínhamos ainda de despir os casacos no aeroporto”, comentou Maria de Belém, arrancando uma gargalhada aos presentes. “Hoje seria acusada de bioterrorismo, como nos filmes que se veem por aí.”

Diagnosticou António Variações

A 7 de julho de 1983, o Diário de Lisboa noticiou o primeiro caso de sida em Lisboa e nesse ano são feitos os três primeiros diagnósticos em Portugal. Em 1984 já eram oito e todos identificados por Odette Ferreira.

Em 1984, já são três as mortes relacionadas com o vírus, uma delas a de António Variações.

“Os homossexuais começaram a vir ter comigo”, conta Odette no livro LX 80. Recorda que a discriminação era muito grande. “Faziam os testes com um número e só eu é que sabia a correspondência. Os resultados estavam num livro que eu levava sempre para casa. Fiquei a saber que os primeiros sangues que tinha recebido eram dos companheiros do António Variações. Por isso é que tinha havido tantos positivos”.

Data: 08-10-2018

Título: Odette Ferreira. A mulher que diagnosticou António Variações e levou amostras de sangue no bolso da algebeira

Pub:

MAGG

 **QuickCom**
comunicação integrada

Tipo: Internet

Secção: Nacional

António Variações morreu a 13 de junho de 1984, aos 39 anos, tornando-se assim o primeiro rosto da doença em Portugal.

Foi a mentora do programa de troca de seringas

A troca de seringas nas farmácias foi um dos seus projetos com maior impacto. Chamava-se “Diz não a uma seringa em segunda mão” e teve como finalidade diminuir o risco de transmissão do VIH e de outras doenças transmissíveis (hepatite B e C) à população toxicodependente por via endovenosa.

Este projeto foi considerado pela Comissão Europeia o melhor projeto apresentado por um país europeu, não só pela inovação, mas por ter sido possível desenvolvê-lo em todo o território nacional.

Uma carreira premiada

Em 1975 foi nomeada pelo governo francês “Chevalier dans l’Ordre des Palmes Academiques”, pelo desempenho no fortalecimento da cooperação científica entre Portugal e França. Mais tarde, em 87, voltou a ser distinguida pelos franceses como “Chevalier de la Légion d’Honneur”, pelas descobertas na investigação da Sida.

Em Portugal também não faltaram galardões. Em 1988 foi-lhe dado o “Grau de Comendador da Ordem Militar de Sant’Iago de Espada”, pelo prestígio alcançado e, no ano seguinte, a Ordem dos Farmacêuticos atribuiu-lhe a sua Medalha de Honra, e, em 2012 a Medalha de Ouro da Ordem dos Farmacêuticos.

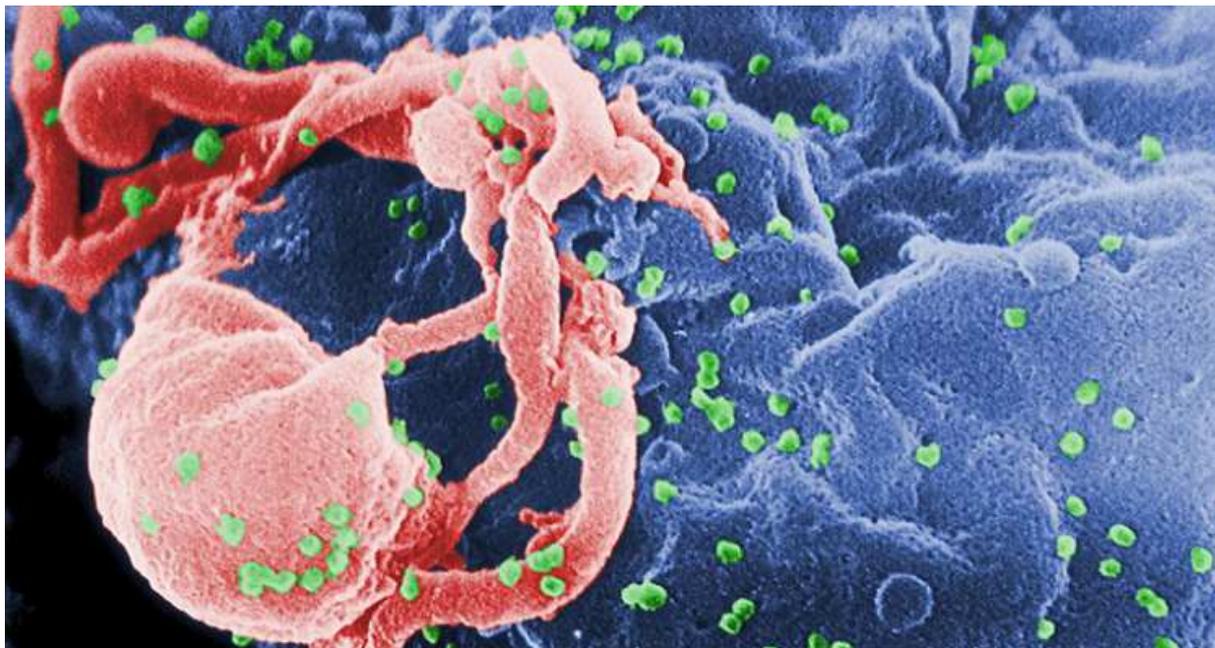
No intermédio, em 2006, recebeu o Prémio Universidade de Lisboa e, mais tarde, o Prémio Nacional de Saúde.

Em 2016 foi distinguida pelo Ministério da Ciência com a Medalha de Mérito e, em 2018, Marcelo Rebelo de Sousa condecorou Odette Ferreira com a Grã-Cruz que galardoia serviços prestados à causa da educação e do ensino.

Cerimónias fúnebres de Odette Ferreira hoje a partir das 19h

Pioneira na investigação do VIH e mentora do programa de troca de seringas, lançado nos anos 90, a investigadora faleceu este Domingo, aos 93 anos.

DIA
15 Dia 15_10/08/2018



Maria Odette Santos-Ferreira foi pioneira na investigação sobre a infecção VIH/Sida em Portugal, tendo feito parte da equipa que identificou, pela primeira vez, o tipo 2 do VIH, em doentes oriundos da Guiné-Bissau.

Nascida em 1925, Maria Odette Santos-Ferreira licenciou-se em Farmácia no ano de 1970, doutorou-se na Universidade de Paris Sud, em França, e chegou a Professora Catedrática de Microbiologia em 1987. Era Professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

Foi coordenadora da Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA de 1992 a 2000, tendo desenvolvido inúmeros projectos no âmbito da prevenção da doença.

Um dos seus projectos mais emblemáticos e impactantes foi a troca de seringas nas farmácias, "Diz não a uma seringa em segunda mão", que foi considerado pela Comissão Europeia o melhor projecto apresentado por um país europeu, não só pela inovação, mas por ter sido possível desenvolvê-lo em todo o território nacional.

Promoveu também vários serviços de apoio domiciliário coordenado pelo Projecto Solidariedade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a construção da segunda



residência para apoio a doentes com SIDA em situação precária e a criação da primeira unidade de cuidados paliativos.

Ao longo do seu percurso profissional recebeu várias distinções: foi nomeada pelo governo francês “Chevalier dans l’Ordre des Palmes Academiques”, em 1975, pelo fortalecimento da cooperação científica entre Portugal e França e “Chevalier de la Légion d’Honneur”, em 1987. Em 1988 foi-lhe atribuído pelo Presidente da República o “Grau de Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada”.

Em 2013 recebeu o Prémio Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, o qual visa distinguir anualmente uma personalidade que tenha contribuído para a obtenção de ganhos em saúde no âmbito do Serviço Nacional de Saúde e, no passado mês de Fevereiro, Odette Santos-Ferreira foi condecorada pelo Presidente da República numa cerimónia reservada, tendo recebido a grã-cruz da Ordem da Instrução Pública.

Sempre activa, a investigadora manteve durante muitos anos o seu gabinete na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e continuou a dar aulas após a reforma como voluntária.

As cerimónias fúnebres decorrem esta segunda-feira, a partir das 19 horas (até às 23h), na Igreja do Campo Grande. Na terça-feira, pelas 15 horas, será celebrada missa, com o funeral a seguir para o Cemitério do Alto de São João.